

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10. Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos ; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

BRAGA 20 DE MAIO DE 1873

Origem pagã da Franc-Maçonaria.

A restauração do paganismo em todas as obras e instituições modernas, eis o programma da Revolução, a qual já de si mesmo é a personificação do paganismo. A religião christã, guiado o genio, cultivando o talento, não tolhera este nem anniquilára aquelle, mas antes e mil vezes melhor, os aperfeçoára, multiplicando-lhe as fontes de verdadeira inspiração, animando-lhe as produções d'um encanto e belleza sem eguaes nem segundos.

Se o homem escreve seu pensamento, retrata sua imaginação, reproduz seus sentimentos, nunca o poderá fazer com exactidão senão quando se aproxima do autor de toda a natureza e por tanto de quem lhe dá as faculdades mais nobres que o distinguem dos irracionais — a intelligencia e o coração.

¿E qual a religião que mais aproxima de nós a Divindade, senão o christianismo? A religião pagã, á força de nos unir com o ente supremo, confundira-nos com elle, e assim tudo era Deus, excepto o proprio Deus.

As sciencias, as artes attestam em suas obras e productos, o quanto o maravilhoso do christianismo excede o maravilhoso da religião pagã.

No entanto a sociedade, sempre ingrata e rebelde, tenta outra vez sepultar-se nas trevas antigas d'onde saíra á voz omnipotente e redemptora do Filho de Deus.

Admira com espanto os primores de eloquencia dos oradores pagãos, e tem em pouco apreço as obras primas dos Padres da Igreja.

Extasia-se ante os primores de eloquencia dos oradores pagãos, e tem em pouco apreço as obras primas dos Padres da Igreja.

Contempla absorta as estatuas levantadas por mão idolatra, e fica insensível ante os monumentos christãos, duas vezes admiráveis, pela arte que os fizera e pelo pensamento que representam.

Para retirar a influencia da ideia christã do meio da sociedade levantou-se a Franc-Maçonaria, a qual envida todos os esforços, emprega todos os meios, cumpre todas as

ordens, executa todos os planos, ainda os mais sanguinarios e desastrosos.

Com o veu mysterioso do juramento, com o sello de inviolavel silencio, com o sello de malvada hypoecrisia, esta sociedade, tres vezes maldita pela sua origem meios e fins, caminha a passos de gigante para o triunfo solemne do Paganismo.

Poderíamos citar bastantes testemunhas insuspeitas que provam esta asserção, porém escolheremos d'entre muitos alguns que nada deixam a dezerar.

« Ninguém duvida, disse um dos mais auctorizados publicistas da Loja, que a franc-maçonaria, tal como ella existe entre nós, entra pelo povo judaico e vai, depois, perder-se nos celebres mysterios d' Isis, d' Osiris, no Egipto.

« E' um facto averiguado pela historia que a maior parte dos franc-mações não tem senão um e mesmo modo de ver. « Outro, senão orgão declarado ao menos muito estimado pela ordem maçónica, applica-se a respeito d'este assumpto do modo seguinte :

« Os oradores que até hoje tem fallado da origem da Franc-Maçonaria, pouco tem dito, porque nunca poderam levantar o véo que esconde a nossos olhos a natureza das verdades que ella encerra.

No entanto todos estão accordes em que tal origem perde-se na noite dos tempos e que os antigos mysterios d' Isis poderão dar-lhe origem, de tal modo que a maçonnaria, hoje não seja mais que a sua continuação, modificada e alterada pelo correr dos seculos.

« Sentimos, continúa o primeiro escriptor de que acima fallamos, que o F. Branville não reatasse a cadeia quebrada, a qual ligava a ordem dos Templarios ás praticas mysteriosas dos subterraneos de Memphis.

« Todas as associações secretas e mysteriosas, diz um terceiro interprete do verdadeiro pensar maçónico, o F. Clavel que se manifestaram por actos publicos desde tempos remotos até nossos dias, por mais diferentes que fossem seus nomes e fins, derivaram todos, como nol-o estão dizendo seus mythos e fórmãs, d'uma unica origem — dos mysterios egypciacos.

« D'um lado, diz M. Matter, appareceram o christianismo combatendo e destru-

indo as mais elevadas especulações da Asia, do Egipto e da Grecia ; do outro a Franc-Maçonaria lutando com todas as forças contra o vencedor, aliando-se até com elle para mais depressa e melhor o abater.

Serve-lhe de preparação o zoroastrismo communicado com o judaismo... o judaismo associando-se com as doutrinas platonicas e produzindo a philosophia greco-philoniana.

« Se immediatamente seguíssemos este caminho não tardariamos em ver a apparição do mundo antigo.

D'aqui se vê, pois, qual o intento da Franc-Maçonaria. A restauração do paganismo no meio da sociedade christã eis aqui o fim de seus trabalhos, a razão de seus esforços, o motivo de seus sacrificios.

« Ai da sociedade se vingue o intento ! Mão de ferro já lhe aperta o coração, e a respiração é uma continuada convulsão de moribundo que se debate e estorce nas vasças d'agonia !...

O paganismo já não é, somente, um regato que serpea por entre as florejantes messes da sociedade christã, dobrando aqui e acolá, verdes e viçosas espigas, mas sim um rio de impetuosa e caudal torrente que não verga somente, mas quebra e destroe algumas das flores, plantas e arvores que vegetam, aformoseiam e enriquecem os jardins da Igreja.

Sopra riço por toda a parte o bafo pestilente de perversas doutrinas, de desmoralisadores exemplos ; e a sociedade em vez de respirar o halito salutar e vivificador da doutrina e moral christãs, respira a espiração do moribundo que tenta erguer-se d'entre as ruínas do imperio romano !

E' impossivel que se erga tocando com fronte nas nuvens, o colosso esmagado pelo pé do Galileu, mas ai de quem lhe lança os alicerces, prepara a base, e lhe levanta o pedestal, embora este nunca chegue a ser coroado pela estatua que já não existe senão nas paginas da historia nem pôde existir senão no meio de destroços e de poucos louros, e esses sempre disputados nos circos, nos ergastulos, nos cavalletes e cada-falsos !...

« Duas sociedades, pois, tendem, constantemente, a imprimir na frente da sociedade moderna o cunho de seus principios, o penhor de suas promessas, o emblema,

de suas victorias, o brasão de seus titulos, o signal de seu ultimo triunfo.

A Igreja apontando para dezenove seculos, repletos de sciencias e riqueza por ella vertidas á torrentes sobre a humanidade, mostra á intelligencia e coração do homem a perfeita harmonia do fim d'este com a sua instituição sobrehumana ; das sublimes aspirações do espirito humano, com os meios que ella tem para a sua realisação.

A Franc-Maçonaria, apontando para uma época de trevas aonde se perdera ao procurar a origem e razão de ser de sua existencia, mostra somente ruínas, quer nos dominios da intelligencia quer no campo do coração.

Aquella conta os seus annos desde o dia da criação, esta conta os dias de seus annos pelo numero de fabulas e mythos do polytheismo.

Aquella tem por si os auxilios e promessas da divindade, esta os anathemas de Deus e as maldições da sociedade.

Aquella tem por si o respeito e homenagem da sciencia, esta tem contra si a voz da razão, o brado da historia, o grito da fé.

O mundo que escolha ; mas que não diga depois, se optar pelo paganismo, que marcha na estrada do progresso e civilisação.

Perseguição christã na China.

Nos mares do extremo Oriente levanta-se encapellada a orda perseguidora, que tenta mergulhar em seu seio devorador as mulheres e virgens christãs.

No mercado de Pock-Hoe são vendidas e tornadas escravas as mulheres que seguem a religião christã.

¿E no entanto que faz a Europa? Embarçada com o principio de não intervenção não acode aonde a chama o amor da humanidade afflicta o interesse da Religião perseguida.

Virtuosamente indignada rasgou outrora a pedido do christianismo a sedula fatal do escravo que só o era por ser de côr desigual e parecer de raça diferente, porém agora cruza os braços e assiste impassível a scenas de humilhação e selvageria.

« A mesma familia está viciada na sua origem, e o pae perdeu parte de sua auctoridade legitima (5).

« A instrução publica tem sido talvez demasiadamente limitada ao ensino se-parado da educação.

« Deixou ella já de formar homens (6).

« E é d'homens, que mais precisamos no nosso tempo, quando em todas as condições da vida se vêem apparecer vãos, que se não preenchem (7).

(5) Eis o grande mal da sociedade ! E como queis, que o Pae tenha seu necessario prestigio, como representante de Deus na tribu em familia, se o Representante de Deus na Igreja, se o Representante de Deus no Estado, o Papa, o Rei, recebem d'estas gerações mal educadas, de quem o garoto de Paris é typo, as injurias, que Deus soffreu do povo deicida ! ! !

E vós, liberaes, porque vos queixaes de vossos filhos? São desobedientes e injuriosos ?

Não fazem mais, do que imitar vosso exemplo !

Agradecei á Providencia, que elles vos não façam a suprema injuria, de incendiar o proprio lar !

Sois impios e vandalicos, e pretendeis, que nas vossas familias haja a santa paz do catholico, do crente e do temente a Deus ? !

(6) Não admira ; porque ella ensina, que o homem descende do macaco, e só macacos, e não homens, pôde ella formar !...

(7) E' um dos males, com que o Céu castiga a corrupção da humanidade.

A degeneração moral succede a intellectual, e a esta a phisica.

O athen, o impio, não pôde ser modelo de virtudes, e a falta d'estas enerva a natureza humana.

Compare as vultos contemporaneos, com aquelles que ha 60 annos estavam á frente das nações, e vêde a differença, e lamentae a tibieza dos povos em affastar as extremas desgraçado, que os ameaçam !

Ouve os gritos da victima, conhece-a, porque é irmã por natureza e sociabilidade, e volta o rosto para não córar de pejo, e não distinguir a voz do moribundo.

¿Aonde iremos dar connosco, levados voluntariamente na corrente de ideias, tão anti-humanitarias e anti-religiosas?

Não sabemos, mas provavelmente n'uma sociedade de escravos aonde só prevaleça o direito do mais forte, o poder do mais rico, a dignidade do mais grande.

A vontade individual, será a lei, o prazer sensual, o mero capricho a honra e dignidade humana.

Ou a selvageria, ou então a civilisação por meio da garantia da personalidade e defeza de todos os direitos individuaes e collectivos.

Rasgue a Europa esse codigo de leis tão preverso como falso, tão criminoso como anti-social.

Calque aos pés essas theorias perniciosas que a empurram para o abysmo insondavel do Socialismo ou Communismo.

Vá em auxilio dos christãos perseguidos ; secunde os esforços dos catholicos que, por meio de subscrições tractam de resgatar as suas irmãs annamitas.

Cumpra este dever, o qual lhe granjeará as benções do Ceo, o applauso dos povos, a homenagem das nações.

A caridade christã em França ou o discurso de Mgr. Dupanloup na assembleia de Versalhes.

E' eloquente o discurso que o grande orador francez pronunciou na tribuna franceza, e do qual nos dá conta o excellente jornal a « Unita Catholica ». Diz este jornal :

« Na sessão de 27 de março da assembleia legislativa franceza de Versalhes o snr. Dupanloup, bispo de Orleães, pronunciou um admiravel discurso pedindo que nos conselhos ou commissões seculares de caridade fossem comprehendidos os parochos. Tal foi a força da verdade e da irresistivel eloquencia com que a defendeu, que de 476 votantes, 466 (coisa verdadeiramente pasmosa!) votaram a emenda por elle sustentada.

Vamos transcrever o seu discurso quasi

« A boa educação, disse Leibnitz, é o primeiro fundamento da felicidade humana (8).

« Em presenca dos nossos infortunios, muitas altas capacidades acreditam, que esse alicerce tem faltado.

« A uma sociedade intimamente sceptica e extremamente tornada quasi pagã préguo a internacional o atheismo ; a uma sociedade soffrega de gozo material, pré-gou-lhe o nada da esperança eterna, e o culto exclusivo do interesse proprio. E quem pôde espantar-se, que fosse tão bem succedida ?

« Deus nos defenda de querer medir a cada um o seu quinhão de responsabilidade ; mas tendes de indagar o quanto deve imputar-se aos programmas philosophicos e politicos (9).

« Não temos nós todos mais ou menos adoptado para a vossa conducta o motte da internacional — civilisação é a maior somma possivel de felicidade e bem-estar — ».

(8) Está em accordo com o axioma do Evangelho — O temor de Deus é o principio da sabedoria.

Os liberaes dizem, que a razão é deusa !

Triste ignorancia, estulto pensar !

(9) Recebei, ó homens da calunnia da Inquisição, recebei aqui as homenagens dos mesmos liberaes ! Esse instituto cujo fim era vedar a publicidade e a propaganda de tudo, que offendesse os dogmas da Igreja e ateiasse as discordias nos povos, não teria consentido, que taes programmas philosophicos e politicos fossem envenenar a credula opinião da ignorante multidão.

(Continúa) Francisco de Paula.

FOLHETIM

Uma defeza da Communa.

(Continuação)

« Em França a commissão da Assembleia legislativa confessou, que nós só temos posto em practica os seus principios. Apesar do relatório não ser muito correcto em varios pontos, assim mesmo o citarei, porque prova, quanto digo :

« Se é verdade que para fins politicos, que não podiam justificar-se, se animavam as sociedades secretas ; se é verdade, que em consequencia de estar á instrução publica confiada a professores de theorias materialistas, o sentimento religioso e a creença unica, que tornam possíveis o sacrificio e a resignação, se amorticaram (1) ; se é verdade, que o culto

(1) O suicidio e a prostituição abt estão todos os dias manifestando a falta de creenças e a covardia das gerações modernas nos desgostos e desenganos da vida !

Uma mulher, que caiu, não se levantou mais, porque não procurou a Cruz, e a ella se não amparou !...

Um homem, que se perdeu na allucinação da paixão, despedaçou-se, porque não tem animo de soffrer, nem allivez nobre para encerrar de frente a sociedade, que não é angelica !...

Dizem que o genio liberal inoculou o valor heroico e vencedor ás hostes republicanas e imperialistas da França de 1793 a 1842. Engano !...

Foi o genio christão, que educou a França, e seu heroismo, sempre tão brilhante sob a monarchia, foi esmorecendo e enfraquecendo-se até chegar á derrota de Sedan. O que o Christianismo soube conservar e desenvolver em tantos seculos, o liberalismo destruiu em annos. A morte, a peste, não pôde dar vida !

« dos prazeres materiaes degradou os caracteres, e enfraqueceu as intelligencias ;

« se é verdade, que as questões com respeito á religião, á familia, á moral, e até á immortalidade da alma e á existencia

« de Deus foram abandonadas aos sarcasmos d'uma imprensa licenciosa, mediante a só condição de ponpar a Cesar e á sua

« politica (2) ; então a commissão d'inquerito teria o direito de apontar para tudo

« isso, como uma das causas principaes da nossa derrota na guerra, e da luta

« horrivel, que se lhe seguiu (3). Acaso a nossa litteratura, as nossas artes, os nos-

(2) N'essa empreza ajudaram e ajudam a revolução os liberaes-catholicos ! Poupar Cesar, sustentar Cesar, defender Cesar, enquanto o protestantismo não fór a região official !... Assim manda a seita em seus

« escriptos e até nos pasquins que appareceram no Minho recentemente.

E n'esse tempo vão os liberaes-catholicos comendo e gosando com a revolução, e a religião de Jesus-Christo, ainda a religião official, vai recebendo novos golpes e insultos em seus templos, ministros, leis e dogmas, e o Cesar não passa de ser o chefe do maçonismo e os liberaes-catholicos o mais util e hypocrita instrumento da impiedade !

Que lhes agradeça a Igreja !...

(3) Quem venceu em 1871 nas campinas da França não foi o talento dos generaes prussianos, a superioridade moral da raça germanica, menos degenerada, do que o povo francez, que soffre da corrupção religiosa, politica e militar.

O liberalismo não só põe em ruínas os Estados, mas também mancha e enfraquece a alma das nações.

Observe-se na Hespanha entre carlistas e communistas, e veja-se qual é a differença, que ha entre um exercito legitimista ou catholico e um exercito revolucionario.

Eis o caracter essencial da Divindade.

« os theatros, não indicam desde muito

« uma sociedade em decadencia ? (4)

« Não tem por ventura, os principios da moral, como as creenças religiosas, sido

« objecto de incessantes ataques, tanto mais perigosos, quanto teem partido das de

« alta posição, e tomando a fórma exterior de respeito ?

« Não temos nós demasiadas vezes glorificado o espirito de revolta, e professado a doutrina, de que a força precede o

« direito ? E que em politica as necessidades ou razões d'Estado são desculpa

« bastante para as mais odiosas espoliações ?

« A nossa attenção dirigiu-se especialmente para o enfraquecimento dos sentimentos religiosos, como uma das principaes causas da extranha doença, que corroe o vosso estado social.

« O grande preceito do respeito á auctoridade e á superioridade social desappareceu.

Eis o cunho divino, que se descobre em toda a criação.

A vida depende d'esse laço mysterioso, a unidade das duas substancias.

A sciencia baseia toda a sua verdade, toda a sua força, sobre essa rocha primitiva e eterna, a unidade, sem a qual seria um cahos.

O bello, as esplendidas formosuras, as arrebatadoras harmonias, as lélas viventes e inspiradoras, as obras primas, que os seculos teem admirado em marmore, em bronze, em metal precioso são captivas.

(4) Nos theatros não contempleis só a corrupção do bello artistico sob o paleo, mas tambem a culpabilidade escandalosa e pusilanime da sociedade, das familias, que já vão applaudir os escandalos, empanar a innocencia de tantas donzellas, e desmoralisar tantos mancebos, que nunca deveriam respirar um tal ambiente.

Oh ! a revolução tem poderosos elementos, prestantes amigos entre aquelles, que a amaldiçoam !...

por inteiro, como se encontra no jornal official. Será um pouco longo este artigo; mas os leitores terão paciência, e ainda por fim nos hão-de agradecer, — estamos certos d'isso.

«Mjr. Dupanloup — ... A questão foi proposta, resolvida e discutida provisoriamente pela comissão e pela mesma assembleia n'uma primeira votação que consagrava a presença dos ministros da religião nas comissões da caridade e da beneficência publica. A necessidade d'esta intervenção tinha sido exposta com palavras eloquentes pelo ministro do interior n'aquelle tempo sr. Victor Lefranc. O voto era a reparação d'uma longa injustiça (Rumores à esquerda.) Sim, estas fundações, estes hospícios, este patrimonio dos pobres, é a nós que os deveis (Applausos à direita, negações à esquerda.) Isto é incontestavel. Nós temos cuberto a Europa, e por tanto os dous mundos de hospitaes e de asylos para os pobres. Antes de nós, antes do christianismo não existia um só estabelecimento-hospital, nem um só asylo para as miserias. Nós temos creado o capital da caridade sobre a terra. (Applausos. — Rumores à esquerda.) Os philosophos pagãos, nem sequer tinham alguma sollicitude para com o pobre, e até chamavam á misericórdia um vicio do coração: Misericordia animi vitium est (Rumores à esquerda.)

Baraquon — E parece que os pagãos tem aqui um partido! (Risos.) Uma voz — Quem escreveu isso? Mjr. Dupanloup — Seneca, no se Tratado Clemencia (Rumores à esquerda). O que eu digo não é uma injuria para ninguém. Um outro dizia que se precisava ser um homem pateta, ou louco ou criminoso, stultum, levem aut nefarium, á compaixão. Foi Cicero, pro Marena. E eis aqui o resumo de toda a sua theoria. O sabio não conhece misericórdia: Sapiens non misetur.

Repito que nós temos creado o capital da caridade. (Muitos apoiados à direita rumores à esquerda) Hoje falla-se, enche-se a bocca de philantropia, de fraternidade, e esquece-se que foi só Jesus Christo quem fixou o sentido d'estas palavras. Foi necessario o sangue dos martyres e o do mesmo Jesus Christo para consagral-as. Foi por este preço que a terra conheceu a caridade. (Muito bem! Applausos à direita) Nós temos depois continuado a augmentar este capital. A quem deveis vós o hospital, o albergue, a casa d'incuráveis, o abrigo de engeitados? A um santo homem, a um padre, a S. Vicente de Paulo (Rumores à esquerda.) No dia d'hoje temos fundado em França 120 novos hospícios com as mãos das irmãsinhas dos pobres (Rumores e interrupções à esquerda.)

Presidente — Tem-se manifestado do lado da esquerda interrupções de que não tenho podido descobrir os auctores, e que são totalmente inconvenientes. Convido-os a não recommear. Mjr. Dupanloup — Alli vinte mil velhos (20.000) são recolhidos, vestidos, sustentados com extrema caridade. Eu accresco que quando as coisas estão n'este ponto, e n'elle estão incontestavelmente (informar-vos-eis depois junto do nosso collega, o s. Wallon, que vos contará particularidades), comprehende-se como durante muitos séculos o clero tinha sido, só elle, encarregado da administração do patrimonio dos pobres. Depois, o curso dos tempos tem dado á sociedade secular a sua parte natural, preponderante (Muito bem). Mas não é justo expulsar-nos, como fez a convenção, do grande dominio da caridade e dizer-nos: — A casa é minha; a vós toca sair: Hec mea sunt; veteres migrare coloni: Eis o que fez a convenção, e eis porque vós não podeis nem fazer o nem mantel-o (Muito bem! muito bem! — Applausos.)

Não se tracta sómente da justiça que nos é devida, tracta-se do proprio interesse dos pobres. Os dons, os legados, as esmolas virão mais consideráveis se nós ali estivermos (Apoiados). A presença do padre chamará mais seguramente, mais largamente as esmolas christãs, isto é, as mais generosas. (Muito bem). O sentimento religioso é o grande inspirador da caridade. Elle é o socio, o confidente do sentimento que á inspira. Eis a verdade! Para nós se volta quando se quer fazer uma boa obra, porque se tem confiança em nós.

Um membro da esquerda — E os herdeiros? Mjr. Dupanloup. — Os herdeiros! Na hora em que vos fallo, na minha diocese, um legado de um milhão e quinhentos mil francos foi feito ás irmãsinhas dos pobres, e estas irmãs não esperam pelo meu conselho para rejeital-o, embora houvesse o consentimento dos collateraes. Se nós acceitassemos, disseram ellas, não seriamos mais as irmãsinhas dos pobres (Estrondosos applausos à direita.)

Tinha inda outra consideração a apresentar-vos. E' a especialidade da compe-

tencia que justifica a disposição da lei que vos peço. O padre não é sómente o homem da religião, elle é tambem o homem do sacrificio. E é isto o que constitue a sua aptidão especial. No christianismo a caridade é a qualidade essencial da religião. O seu ministro não é sómente o homem de Deus, elle é tambem o homem do povo (Novos applausos).

Ha na vossa lei um artigo que nunca poderei louvar bastante; é o setimo, no qual, alargando as entranhas da caridade, vós lhe pedis que distribua os seus bens em socorros domiciliarios, a fim de auxiliar o espirito de familia, a fim de que os que soffrem não sejam privados da presença d'aquelles que amam e por quem são amados (Muito bem! muito bem!)

Mas entre estas miserias soccorridas no domicilio, ha algumas que pedem uma compaixão mais delicada: — são as miserias d'aquelles que feridos por desgraças inesperadas supportam em silencio suas privações e suas dores. Quem os descobrirá? a quem deixarão vós estes desventurados as suas lagrimas? Ao seu padre, ao seu pastor, ao seu pae (Applausos à direita.)

Onso dizer que este artigo 7.º torna a nossa presença indispensavel nas comissões de caridade. Sede severos para conosco; mas não nos tireis a consolação de socorrer os afflictos. Eu repito que o simples principio da reunião da capacidade e da competencia nos assignal um posto nas comissões da caridade. Quando um padre falta á caridade, o mundo justamente lhe manifesta a sua reprobção (Muito bem! muito bem!) Pois que tendes este sentimento, deveis-nos admitir. Se recusaes, os pobres ficarão pasmados, entristecidos...

O que nós pedimos, dizem, é um privilegio! Não! E' o direito da especialidade. Devemos participar dos seus beneficios. Mas quer-se separar o elemento secular do elemento clerical! — Eis a frase que dispensa toda a justiça. As separações jámais approximaram ninguém (Applausos) Quando os homens se approximam, aprendem a amar-se uns aos outros, e se ajudam para obem commum. E' o que temos feito em Orleães, para socorrer os nossos feridos, os nossos orfãos, os nossos guardas moveis. Alegro-me de poder aqui render homenagem a todos os que o merecem.

Recebemos socorros da Inglaterra da Belgica, e de todos os paizes do mundo; até os recebemos, e recebemos-os sobre tudo, da pobre e admiravel Irlanda. E quanto? Duzentos mil francos (Applausos). Porque? Porque haverá agora dez annos, durante a fome que desolava a Irlanda, eu tinha prégado a fim de que se socorressem os irlandezes. Então recolhemos para elles vinte mil francos. Já vedes que nol-os restituíram com usura. E aquellas sommas chegaram-nos ás mãos com estas simples palavras: Memoria dos irlandezes (Applausos vivissimos).

Não, não devemos suppôr conflictos entre homens feitos para se entenderem. Sem duvida nas academias e nos livros os homens nem sempre estão d'accordo: Genus irritabile vatum (Risos). Mas estão de accordo diante do inimigo commum, isto é em presença da miseria e do estrangeiro: então não ha em todos mais que um sentimento: — ir para o fogo, marchar juntamente para onde se soffre e para onde se morre (Applausos).

Sim, é necessario não afastar os homens uns dos outros. Não afasteis os padres dos seculares. Elles são uteis uns aos outros, e sempre serão uteis aos pobres enquanto que subsistir esta frase notavel de Jesus Christo: Poperes semper habebis vobiscum, — frase muitas vezes mal interpretada, a qual não quer dizer que a miseria é de instituição divina: é da imperfeição humana. O que é de instituição divina é a caridade (Applausos prolongados). E bem o notou Jesus Christo quando disse: — Dae esmola, e tudo será purificado na vossa vida.

Tem-se dito que a esmola humilha. Sim, quando não é feita com a delicadeza christã. Mas ella não humilha quando é dom secreto e puro de um irmão para um irmão, e quando a esquerda ignora os beneficios da direita. O que humilha é receber quando se poderia bastar a si mesmo.

O christianismo tem ensinado ao mundo tres grandes coisas: — a lei universal do trabalho e a liberdade do trabalho. Antes delle o trabalho era escravo.

Uma voz — Não é exacto (Rumores). Mjr. Dupanloup — Peço ao meu contradictor que venha dizer amanhã a esta tribuna o que ha de inexacto nas minhas palavras (Muito bem! muito bem!) Eu vos supplico pois que adopteis a emenda. O nosso clero não merece o ostracismo a que o queriam condemnar. Aquelles que o conhecem sabem como elle esteja prompto para o sacrificio, e como seja um dos primeiros cleros do mundo pela caridade. Ah! se vós soubesdesis quão pouco é o com que a maior parte dos membros do clero vive! E' lhes muitas vezes difficil exercer a caridade dando esmolas, bem o sei. Mas aqui tendes vós uma occasião unica de reparar uma grande injustiça, e de restabelecer no seu posto natural a religião, o

clero. Fazendo isto fareis uma boa coisa justa e patriótica (Applausos prolongados).

Escusado é dizer que o orador foi cumprimentado por membros de todos os lados da camara. A votação em favor da emenda foi quasi unanime, como já vimos a principio (de 476 deputados, apenas 10 votos negativos, n'uma camara tão dividida em partidos como a de Versailles!) — coisa que ninguém se atreveria a esperar. Em vista d'um tal resultado, os catholicos endiabrados do mundo inteiro, e sobre tudo os da França, haviam de ficar aturdidos. Mas deixemos isso, e demos antes graças a Deus, porque ainda a verdade não perdeu de todo o seu imperio no mundo.

Um bispo não estimaria ser muito louvado por uma obra oratoria que não fosse senão uma obra d'arte e de palavras. Mas quando o fructo da sua eloquencia é um grande triunfo christão, todo o coração christão se deve vivamente alegrar. Monseñor Dupanloup, recordando os serviços que a Igreja tem feito ao mundo em materia de caridade, não tem dito, bem como nota a «União», senão coisas bem conhecidas. Mas estas coisas são tão bellas, tão admiraveis, e foram tão bem narradas, que produziram uma profundissima impressão sobre a assembleia franceza. A esquerda, que tinha começado por inconvenientes interrupções, não tardou a ser d'algum modo obrigada ao silencio por aquellas magnificas verdadeas saidas com a naturalidade e viveza dos labios do eloquente prelado. A camara inteira, esquecida de suas divisões, encontrou-se em face do genio christão que desde ha dezenove seculos espalha os seus beneficios sobre os povos, multiplicando os hospícios, os hospitaes, os estabelecimentos para todas as miserias humanas, as associações religiosas para todas as dores, creando a caridade e o capital da caridade; e não pôde resistir-lhe.

O que tem feito pelo povo aquelles que desde ha oitenta annos se vangloriam de amal-o em nome da revolução? Aonde estão os monumentos da sua generosidade, da sua abnegação, do seu continuo imolar-se pelo bem alheio? Onde as obras dos seus sacrificios voluntarios? O sr. bispo d'Orleães mostrou as esplendidas e commoventes magnificencias da caridade christã sem nada dizer da esterilidade dos pensamentos e das palavras dos inimigos da Igreja; mas as acções apresentam-se por si mesmas, e nada nos parece mais opportuno do que pôr diante do nada revolucionario a fecundidade inexaurivel do christianismo.

Finalmente o parochio tem reconquistado o seu posto nas comissões administrativas dos estabelecimentos de beneficencia francezes, e as verdadeas enunciciadas na tribuna de Versailles recordarão ao povo ande estão os seus verdadeiros amigos. Ah! se o povo abrisse por uma vez os olhos, e se não deixasse mais illudir por aquelles que só tratam de explorar, apropriando-se até muitos, em nome do mesmo povo, do que é dos pobres, e só dos pobres, — do que proveio da caridade e da piedade dos fieis nossos ascendentes!

Sobre a censura reservada ao Papa em que incorrem os compradores de bens ecclesiasticos.

O excellento jornal religioso *Ecco de Roma* publicou um artigo a respeito do assumpto do qual falla a epigraphe d'este artigo. Diz elle:

Por occasião de se publicar no jornal *Revista de Sciencias Ecclesiasticas* a seguinte *Consulta*, um digno ecclesiastico deu o seguinte parecer a uma pessoa interessada na materia que o consultou. Tendo-nos vindo por um feliz acaso á mão aquelle parecer, e achando util a sua publicação, para obviar á má interpretação que não poucos dão ás censuras reservadas pela Constituição *Apostolicae Sedis* de 12 de Outubro de 1869, aqui damos a dita consulta e resposta da referida *Revista*, e o parecer do theologo consultado.

Consulta. — As leis de 4 de Abril de 1861, de 22 de Julho de 1866, e de 28 de Agosto de 1869, decretaram a desamortisação dos bens ecclesiasticos, e a subrogação d'elles por titulo da divida publica fundada, averbados em favor das corporações ou estabelecimentos a que os mesmos bens pertencem.

«Estas leis estão dando occasião a largas controversias, sustentando uns que os compradores d'aquelles bens ficam incursos na censura fulminada pelo Concilio Tridentino na Sess. 22, Cap. 11; e sustentando outros que os compradores em nenhuma censura incorrem: 1.º porque no caso sujeito não se dá a usurpação ou retenção de que falla o Concilio, mas apenas uma permutação; 2.º porque a compra é auctorizada por leis do Estado, a que ha obrigação de obedecer, como recommenda S. Paulo; 3.º porque os Chefes superiores da Igreja guardam a tal respeito absoluto silencio, que não podiam guardar, se da compra resultasse a alludida censura, visto que o seu ministerio lhes incumbe vigiar, ensinar e prégar.

«Qual das preditas opiniões será verdadeira?»

Resposta. — A nosso ver nenhuma das opiniões é verdadeira.

«Não é verdadeira a primeira opinião: 1.º porque tanto o Concilio Tridentino, Sess. 22, Cap. 11 de *reform.*, impondo aos usurpadores dos bens ecclesiasticos uma «excommunhão *latae sententiae* reservada ao Summo Pontifice, como a Constituição *Apostolicae Sedis* de 12 de Outubro de 1869 reservando-a *speciali modo* ao Summo Pontifice, não comprehendem na censura os que recebessem os bens usurpados em virtude de algum contrato «*Usurpantes aut sequestrantes jurisdictionem, bona, redditus ad personas ecclesiasticas ratione suarum Ecclesiarum aut beneficiorum pertinentes.* (Const. cit. art. 1.º n.º XI). Porque, não obstante serem em geral reus da mesma causa os que recebem os bens, sabendo que são usurpados, todavia como aqui se trata não da natureza e grau do crime, mas sim da censura comminada pela vontade do legislador, tem logar a regra de direito «*Legislator quod voluit expressit, quod autem non expressit noluisse censendum est.* O que se costuma dizer por outras palavras: é caso de interpretação restricta. «*Odia restringi, et favores convenit ampliari.* — *In paenis benignior est interpretatio facienda.* (V. *Corpus Juris Can. in calce sexti*). 2.º Porque no caso proposto não houve usurpação, mas sim uma verdadeira alienação por meio d'um contrato oneroso, em virtude do qual uma das partes recebeu a propriedade e a outra o seu preço em titulos de divida publica fundada pelo valor que tinham no mercado ao tempo da arrematação d'esses bens. As corporações ecclesiasticas não receberam, é verdade, o preço das propriedades a dinheiro de contado, mas sim em papeis de credito, que hoje correm no mercado como dinheiro, e vemos frequentemente acceitarem-nos os compradores como preço das vendas.

«Não é verdadeira a segunda opinião porque os que compram os bens ecclesiasticos desamortizados, sem terem obtido primeiramente beneplacito apostolico, incorrem na excommunhão *latae sententiae* a ninguém reservada, comminada na Extravagante *Ambrosiae* publicada pelo Papa Paulo II no anno de 1467, e conservada pela Constituição *Apostolicae Sedis* de 12 de Outubro de 1869 (*Excommunicationes latae sententiae nemini reservatae n.º III*); onde se lê: — *Alienantes et recipere praesumentes bona ecclesiastica absque beneplacito Apostolico ad formam Extravagantis Ambrosiae (de rebus Ecclesiae non alienandis).* Como bem «claro se vê, os compradores dos bens ecclesiasticos são aquelles a quem se refere nas palavras «*recipere praesumentes bona ecclesiastica absque beneplacito Apostolico.*

Até aqui a *Revista das Sciencias Ecclesiasticas*. (Tom. II, n.º 2, pag. 89, 6.ª Cons.) Segue agora a duvida proposta ao nosso theologo e a resposta pelo mesmo dada.

«Em presença d'esta resposta poderá qualquer confessor absolver a excommunhão em que incorrem os compradores de bens ecclesiasticos?»

RESPOSTA

O Concilio Tridentino na Sess. 22, cap. 11 de *reformatione* fulminou excommunhão maior reservada ao Romano Pontifice a todos aquelles, qualquer que seja a dignidade de que se achem revestidos, que *presumirem converter em seus proprios usos os bens, censos da Igreja, etc., e usurpal-os ou impedir que os destruem aquelles a quem por direito pertencem.* Esta disposição Tridentina comprehendem não sómente os principaes usurpadores e sequestradores dos bens, censos, fructos etc. da Igreja, mas tambem quaesquer outros, que adquirem ou occuparem os mesmos bens, censos, fructos, etc., não exceptuando aquelles tambem, que em vigor das leis civis os tiverem comprado os primeiros usurpadores e sequestradores pelo pagamento do seu preço.

Mas se relativamente a estes ultimos parece talvez que elles não estão comprehendidos nas *palavras* da disposição alludida, por isso que se não faz d'elles expressa menção, estão contudo evidentemente comprehendidos na sentença da mesma disposição ou lei, que fulmina a mesma censura a qualquer usurpação de bens ecclesiasticos. Ora aquelle que compra aos usurpadores os bens por elles tomados, concorre com este seu acto para a usurpação; e os bens assim adquiridos pelo seu valor pago ao usurpador não cessam de ser bens usurpados, não sendo elle o senhor ou legitimo administrador d'elles.

Logo em vigor da disposição de Tridentino estão sujeitos á mesma censura reservada ao Romano Pontifice não só os primeiros usurpadores, mas tambem

quaesquer outros compradores de bens ecclesiasticos.

Esta disposição porém quanto áquelles que compraram os bens da Igreja aos primeiros usurpadores e sequestradores não soffreu alteração pela nova Constituição *Apostolicae Sedis*, mas antes foi ella confirmada.

Se não vejamos. O que estabeleceu a dita Constituição no artigo XI das excommunhões *latae sententiae por modo especial* reservada ao Summo Pontifice? Declara que o Romano Pontifice reservou a Si de um *modo especial* a absolvição de censura em que incorrem os que usurpam e sequestram a jurisdictione, os bens, os rendimentos pertencentes ás pessoas ecclesiasticas em razão das suas egrejas ou beneficios, de modo que estes por ninguém mais podem ser absolvidos senão pelo Romano Pontifice, ou por quem tiver recebido do mesmo Romano Pontifice especial e expressamente essa auctoridade.

Deve-se todavia confessar que as palavras do citado artigo só fallam dos originarios usurpadores e sequestradores, e que parece não comprehendem os que d'elles tiverem comprado esses bens ecclesiasticos. Acaso então se seguirá d'aqui que os compradores de bens ecclesiasticos não estão mais sujeitos á censura que o Tridentino fulminou no referido capitulo XI da sessão 22.ª, que é reservada ao Summo Pontifice? Ninguém de certo tal dirá, tanto porque vimos os mesmos compradores de bens ecclesiasticos realmente comprehendidos na disposição do Tridentino, como tambem principalmente porque na referida Constituição *Apostolicae Sedis* abertamente se declara que essa censura e a sua reserva não foi supprida Eis as palavras da Constituição *Piana*: «*Item d'estes até aqui enumerados, declaramos egualmente Nós assignamos como excommungados aquelles que o Sacrosanto Concilio de Trento declarou laes, quer com absolvição reservada ao Summo Pontifice ou aos Ordinarios, quer sem reserva nenhuma.*» E' manifesto por esta declaração que o Santissimo Padre tanto não quiz derogar essa reserva, que antes manifestamente a confirmou.

Mas talvez dirá alguém: Se assim é, a que veiu a nova reserva d'aquella censura do referido artigo 11.º da Constituição *Apostolicae Sedis*? E que differença haverá entre esta disposição e a do Tridentino?

Attenda-se ás palavras de cada uma d'estas disposições, e ao que acima dissemos, e claramente se verá essa differença. Pois n'aquella trata-se dos primeiros usurpadores e sequestradores dos bens e direitos da Igreja, a absolvição dos quaes da censura é reservada por um *modo especial* ao Pontifice Romano; ao passo que n'esta trata-se de todos os outros, que são réos do mesmo crime, ainda que não em primeiro logar, a absolvição dos quaes da censura fica reservada ao Romano Pontifice, posto que de um *modo não especial*.

Esta nossa opinião particular porém quanto aos primeiros usurpadores e sequestradores e aos que d'elles compram, não se apoia certamente em nenhuma explicita declaração da Santa Sé, porque ainda sobre isso não disse o que entendia; mas não se pôde duvidar que seja muito verdadeira por qualquer lado que se encaire. De sorte que a causa principal d'esta especial reserva da Constituição *Piana* parece que se deve deduzir de que, sendo o Pontifice o supremo propugnador e defensor dos direitos e privilegios da Igreja, no meio da actual desmedida usurpação sacrilega e aggressão das coisas ecclesiasticas, quiz castigar com maior pena estes primeiros usurpadores e sequestradores, e sujeital-os a uma censura mais grave.

Assim pois como estes não podem ser absolvidos da censura senão pelo Pontifice Romano, que a reservou a Si por um *modo especial*, ou por aquelle a quem o mesmo Romano Pontifice por um *modo especial* conceder essa facultade; assim todos os outros de quem se trata não podem gozar do beneficio d'esta absolvição, senão recorrendo ao Romano Pontifice a quem pelo Concilio Tridentino esta censura foi reservada, ou a algum confessor que tenha auctoridade de absolver da censura reservada á Santa Sé e ao Romano Pontifice.

Mas instará alguém talvez dizendo, que não pôde concordar em que aquelles que compram bens ecclesiasticos aos primeiros que os occuparam e sequestraram, para serem absolvidos d'esta censura, tenham de recorrer ao Summo Pontifice ou ao confessor que tiver da Sé Apostolica esse poder de absolver dos reservados. E a razão é porque entre as excommunhões *latae sententiae* da Constituição *Piana* a ninguém reservadas, está evidentemente incluída tambem esta de que tratamos. Veja-se o artigo 3.º, onde se diz: *Aquelles que alheiam e osam tomar bens ecclesiasticos sem o beneplacito apostolico nos termos da Extravagante Ambrosiae.* Mas dirão que concedido que antes da publicação da dita constituição esta censura fosse pela disposição do Tridentino reservada ao Pontifice Romano, deve dizer-se

«*Ecclesiae bona, census, fructus etc in proprios usus convertere, illosque usurpare praesumpserit, seu impedire ne ab eis ad quos jure pertinent, percipiantur.*

que pela nova disposição a ninguém foi reservada, pois pelo referido artigo 3.º parece que o Pontífice quiz subtrahir a reserva do Concílio de Trento.

Esta dificuldade porém não apresentaria de certo o auctor da consulta, se tivesse lido a Constituição de Paulo II, que começa — *Ambitiosae* — ou tivesse d'ella a noticia circumstanciada. Por quanto n'ella só se trata da legitima administração dos bens ecclesiasticos, commettida por direito aos Bispos e aos outros Ecclesiasticos ou pessoas legitimas. Pois Paulo II quiz pela referida Constituição cohibir os abusos que por aquelle tempo se tinham introduzido na administração dos bens ecclesiasticos, ou que de futuro se podessem introduzir n'aquelles que, por direito e legitimamente administrando esses bens, levados de cobiça ambiciosa os applicassem a usos profanos, ou presumissem usurpal-os para si; e prohibia, sob pena de excommunição, que os legitimos administradores alienassem esses bens ou os arrendassem por mais de tres annos, excepto sómente em alguns casos, sem o beneplacito Apostolico.

Por outras palavras: na Constituição de Paulo II não se trata da usurpação propriamente dita mas de má e perversa administração dos bens e coisas dedicadas a Deus exercida por aquelles mesmos que por direito e legitimamente guardam e administram os mesmos bens e coisas dedicadas a Deus, ou para si, para que os gozem com o fim de terem o sustento que lhes é devido como ministros do santuario, ou para as egrejas e estabelecimentos pios para cujo sustentamento estão destinados.

E' pois manifesto que o citado artigo 3.º da Constituição do Santo Padre Pio IX não falla dos usurpadores e compradores dos bens ecclesiasticos alienados em vigor das leis civis contra os direitos da Igreja, os quais usurpadores e compradores ficam sujeitos á censura reservada ao Romano Pontífice, quer de um modo especial, quer não.

E não podemos aqui deixar de dizer que, se o artigo 3.º de que fallamos se póde applicar aos compradores dos bens ecclesiasticos, pelas palavras do mesmo artigo — que presumem receber, como quer a consulta que nos foi apresentada, não percebemos porque não deve comprehender os primeiros usurpadores e sequestradores; pois n'elle se lê — os que alheiam e presumem receber os bens, etc., o que parece que não admite o auctor da consulta pelo que diz no principio do seu arazoado.

Resta agora dizer alguma coisa brevemente sobre o que o dito auctor expõe no seu parecer, para poder affirmar e espalhar, como muito desejava, por qualquer modo que fosse, a sua opinião; a saber que qualquer confessor sem hesitação nenhuma póde absolver os compradores dos bens da Igreja da excommunição *latæ sententiæ* em que aliás incorreram, como elle mesmo confessa.

Mas primeiramente dando de barato, mas pelo que fica dito não concedendo, que qualquer confessor, segundo a doutrina expendida pelo dito auctor, possa absolver da referida censura aquellos que compraram bens ecclesiasticos seja-nos permitido manifestar uma duvida que nos occorre. Estes taes compradores estão sujeitos á referida excommunição não só porque adquiriram illicitamente os ditos bens, mas tambem porque contra a expressa vontade dos seus legitimos senhores e proprietarios, isto é da Igreja, os conservam e desfrutam. Leia-se a disposição do Tridentino acima indicada, e achar-se-ha que... esse (o usurpador) fique sujeito ao anathema por tanto tempo quanto levar a RESTITUIR INTEIRAMENTE á Igreja e ao seu administrador ou beneficiado as jurisdicções, bens, cousas direitos, fructos e rendimentos que tiver occupado, ou que lhe tenham vindo ás mãos por qualquer modo que seja, ainda que por doação de supposta pessoa, e quanto depois mediar até alcançar o Romano Pontífice a absolvição. De sorte que a restituição deve preceder a absolvição. E' esta uma condição justissima. Porquanto quem haverá ali que ignore o axioma da doutrina moral de todos conhecido, que diz — a fazenda brada pelo seu senhor? — E quem ha que ignore tambem que a obstinação faz jazer na censura? Posto isto; acaso pensa o auctor que o confessor possa em boa consciencia absolver o comprador dos bens da Igreja, isto é o seu illegitimo e injusto possuidor e usufruidor sem previa restituição, ou ao menos sem alguma composição com o seu legitimo senhor, isto é, com a Igreja, ou com o seu Supremo Administrador e Regedor? Nós de certo esperaríamos com avidez que o auctor do referido parecer desse alguma resposta a esta nossa duvi-

da, se pela doutrina que expoz não parecesse poder-se manifestamente concluir, que elle julga não ser n'este caso necessaria a restituição, ou composição, e de nada mais se tratar n'esta questão senão da absolvição da censura, e que se alguém a pedir e alcançar, se deve julgar por esse mesmo facto desligado da obrigação de restituir.

Sabemos, é verdade, qual a resposta que terá prompta o auctor, isto é, que os compradores dos bens ecclesiasticos os não occuparam á força, nem com dolo, nem gratuitamente; mas sim por um contracto oneroso, convém a saber, que os adquiriram dos vendedores pelo pagamento do seu preço.

Embora, acrescentamos: mas por isso deixam esses bens de ser bens usurpados, tendo sido occupados com violencia, e alienados e vendidos contra a vontade do seu legitimo possuidor? Mas acaso não houve violação da justiça n'esta aquisição não tendo esses bens perdido a natureza de bens alheios por terem sido comprados aos usurpadores e sequestradores? Logo os principios da moral e da justiça devem tambem ser applicados a esses que compraram esses bens, e os conservam e usufruem.

Mas instarão ainda dizendo: aqui não se tracta propriamente de usurpação, mas tão sómente de uma permutação determinada a favor da mesma Igreja, e dos Estabelecimentos Pios pelo Poder Civil, a quem, segundo a doutrina de S. Paulo são obrigados a obedecer, e a quem os Superiores Ecclesiasticos não se opposeram, como deveriam ter feito, se essa venda e compra fosse realmente prohibida, e má de sua natureza.

Cumpra aqui proceder paulatinamente, mas muito brevemente, porque a materia não precisa de muita explicação.

Quem foi, digam por favor, quem foi que deu auctoridade ao Poder Civil para alhear, vender e permutar os bens da Igreja e dos Estabelecimentos Pios? Porventura o Poder Civil não invadiu nem atropelou o direito legitimo e proprio de possuir e administrar os seus bens, que á Igreja compete como sociedade perfeita, quando contra sua vontade alheou, vendeu e permutou esses bens? E haverá quem julgue que esta mesma permutação foi feita no contracto de venda segundo as normas da equidade, e segundo a lei? E que foi a favor da mesma Igreja e dos Estabelecimentos Pios? Na verdade, se quizessemos descer a isto por menor, e consideral-o, o pejo e a magna nos embargariam o passo. Por isso melhor será pôr de parte o que de todos é bem sabido.

Quanto á obediencia ao Poder Civil, creia o nosso adversario que nós, pois veneramos no Principe a sua auctoridade como vinda do mesmo Deus, nem a desacatamos minimamente, nem queremos que os outros, quaesquer que sejam, a desacatem, e nunca havemos de tolerar que pela nossa parte, nem pela dos outros se lhe falte. E a isto de certo exhorta S. Paulo os fieis. Mas attenda-se que o Apostolo manda obedecer por amor da consciencia, mas não contra a consciencia. E não podemos acabar comnosco de admirar que apresentando-se a doutrina do Apostolo, se passe por cima da sentença dos Apostolos, que diz: — *é preciso obedecer mais a Deus que aos homens* — Finalmente quanto a dizer-se que a auctoridade ecclesiastica não reprovou essas usurpações e vendas, leam-se os actos da Santa Sé, e do proprio Summo Pontífice que ora rége a Igreja de Deus, e achar-se-ha que a mesma censura de um modo especial reservada ao Papa na ultima Constituição de que tratamos, é uma declaração e confirmação da disposição do Sacrosanto Concílio de Trento.

Tal é o nosso parecer sobre a questão que nos foi proposta, e que sem tergiversações apresentamos a quem nos consultou.

Protesto.

Contra os restos de barbarismo que sob o nome de troca produzira, em Coimbra, ha poucos dias ainda, desgraças irreparaveis, levantou uma grande parte da Academia um protesto energico a fim de que os poderes publicos accordem e ás familias secundem; no lar domestico, os esforços comprehendidos pela briosa e sensata Mocidade Estudiosa:

A commissão que elaborava e assignava o «Protesto» pede-nos para que abramos nas columnas do nosso jornal uma assignatura em favor do «Protesto» que segue, e portanto contra o tal uso e costume das caseadas que de nenhum modo está de harmonia com o progresso a civilização que por ahi tanto se apregoa.

A juventude escholastica desta cidade cabe o mostrar-se grata a tão humanitaria e justissima idéa de representação, subscrevendo-a com o seu nome.

Eis aqui o «Protesto»:
«Ha quatro dias ainda, uma creança intelligente e sympathica voltava-se cheia de vida para tudo o que era tambem vida; sorriam-lhe a familia, a fortuna, a idade, os amigos; e para responder a tu-

do que assim o cortejava, era todo sorriso.

Hoje vae-se ao quarto em que elle morava, e não está lá; d'um momento para outro trocou a casa, em que o presente se lhe apresentava risonho e o futuro brilhante, sabeis pelo que? Pela sepultura!

Cahiam sobre elle as nossas sympathias, cahem sobre elle as nossas saudades, e as nossas lagrimas; e o que é mais, deante do seu tumulo levanta-se o nosso desespero, e do coração irrompem-nos um protesto.

O nosso desespero! E' que aquelle moço não tinha os seus dias contados; e está alli!

Um protesto! E' que foi um costume barbaro e vil, que sob o nome repugnante de «troca», e envolvendo-se nas dobras da capa e batina, lhe abriu o — «Aqui jaz.» —

Um dia levantaram-se em Portugal um punhado de homens, e com o coração na voz pediram a liberdade, a segurança da pessoa e da sua dignidade — a primeira das propriedades, a propriedade que nasce com o homem. O paiz ouviu-os, levantou-se, e escreveram-se umas poucas paginas que ahi, na Universidade, nos ensina a analysar e discutir, o que nos dizem ser — a lei fundamental do paiz.

E tambem de Coimbra?
Não Em Coimbra está suspensa! Coimbra não é paiz de direito escripto; aqui ha o uso; e o uso é viduir em classes aquelles que estudam, estabelecer direitos nos que começaram primeiro a sua vida de letras, obrigações nos que vieram depois — direitos contrarios a todos os direitos, obrigações contrarias a toda a dignidade.

Felizmente o uso é já de poucos, infelizmente é ainda d'alguns. E esta lição tremenda de uma pedra que abre uma sepultura e um carcere, e que desaba sobre duas familias como uma tempestade, e que as mergulha n'um diluvio de lagrimas, póde ser esquecida, quem sabe? amanhã.

Póde e será — se os poucos que ainda defendem as trocas (se d'hoje em diante ainda ha quem as queira) não reflectirem que o socego das familias não póde estar em perturbações continuadas, por causa de um uso miseravel.

Póde e será — se não reflectirem que estes insultos á dignidade humana não augmentam de bilhares e prostybulos; não regeneram, mas irritam. Quereis fazer a policia d'esses logares? Revindicamos o privilegio de ser immoraes. Envergonhae-vos.

Póde e será — se não reflectirem n'este caso logubre e tristissimo. — Um pae e uma mãe estão loucas de dôr, porque um costume lhes trago um filho que estremeciam. «Sem inveja o digo, diz esse pae, minha mulher está viava com a morte d'este filho. Meus snrs., não tomeis familias; que quem faz caso d'ella é um martyr; quem a despreza é um tratante.»

E outra mãe, que auxiliada pelo seu amor de mãe trabalhava, servia, para dar a seu filho a liberdade que dá a sciencia, quasi que perde a razão, porque n'um dia vê perdidos todos os seus sacrificios; porque se vê tão infeliz, que o seu seria menos se tivesse perdido o filho.

Póde e será — se os poderes publicos não acordarem com este facto, e não cumprirem um dever que lhes incumbem reprimindo com energia todos aquelles que se levantarem, em nome d'um costume que nunca foi nobre, contra uma causa que sempre foi sagrada — a dignidade humana. E' á academia e aos poderes publicos que vos dirigimos.

A uns dizemnos: — Ferve-vos nas veias o sangue de vinte annos, a energia da mocidade? Lá dentro, n'essas aulas, ha logar para mostrardes o que valem uns e o que póde a outra; vossa energia póde revelar-se e robustecer-se lutando com os problemas da sciencia. Nos templos e nos theatros, nas ruas e nas praças, sempre e em toda a parte, podeis apresentar, puros de toda a mancha, o discernimento e proceder recto que á despedida do lar domestico vos aconselham entre carinhos. Lá fóra n'essas villas de que sois naturaes, ha trevas de ignorancia que assistam; emite Deus fazendo a luz entre o povo, ensinando-o, abrindo escholhas, fundando bibliothecas, para que possa existir a liberdade.

Sois pobres? Sede cavalheiros; fazei com que ninguém vos exceda no brio tradicional em vossas familias.

Sois pobres? Sede serios como a pobreza; guardae a riqueza com que nascestes — a dignidade —; e não ataqueis a de ninguém.

Sois valentes e esforçados? Defendei opprimidos, ajudei indefesos, mostraes que a vossa força estende a mão á vossa razão; que não é aquella que vos domina, mas que sois vós que a dominaes. E, levantados até onde deve subir o nivel dos vossos espiritos, as ruas de Coimbra em que devem correr virações de generosidade, porque são moços que as percorrem, deixarão de ser intransigiveis.

Fallando assim não vimos accusar: aqui houve uma desgraça para todos, não houve crime para ninguém; mas, em no-

me d'essa creança de memoria querida, que o seu tumulo não seja inutil.

Aos poderes publicos dizemnos: — Hoje a idea de dignidade e liberdade bebe-se felizmente nos ares; ha em todos os corações o sentimento de reacção contra tudo que a offende.

Este facto que hoje lamentamos, ha-de repetir-se com frequencia, se não reprimirdes com força, quando tente levantar-se, esse uso que é um abuso de todos os direitos. E, se a força continuar arvorada em lei, mais legitima será a que lhe embargar o passo; e teremos o dominio da anarchia — que outra cousa não é exercer cada um por si, em defeza legitima, a força que á justiça social coubera só empregar.

Um governo lembrou-se de fazer uma reforma acabando com as tradições solemnes do dia 8 de Dezembro: porque se não lembrara ainda de acabar com esta tradição funesta — a troca?

Alguna policia e alguma memoria, e essa tradição desaparecerá. A dignidade humana offendida faz cadaveres.

Lembre-se d'isto a academia e lembrem-se os poderes publicos.

Coimbra, 7 de Maio de 1873.

José Frederico Laranjo (estudante do 3.º anno de Direito).

Cassiano Pereira Pinto Nenes (4.º anno de Direito).

Manoel Antonio da Silva Rocha (4.º de Direito).

Manoel Ferreira Cardoso (1.º anno de Medicina).

José de Barros Teixeira da Fonseca (4.º de Direito).

Francisco de Salles da Costa Lobo (5.º de Phylosophia).

Diego Tavares de Mello Leote (4.º de Direito).

José Lobo Garcez Palha d'Almeida (4.º de Direito).

Evaristo Maria das Neves (4.º de Direito).

José Maria de Liz Teixeira (4.º de Direito).

Bernardino Luiz Machado Guimarães (5.º de Phylosophia).

Francisco Correia de Lemos (4.º de Direito).

Augusto Cesar d'Oliveira (4.º de Direito).

Vicente Gregorio Godinho (5.º anno de Direito).

José Diogo Frederico Crespiu (4.º anno de Direito).

Joaquim Pereira da Silva Amorim (idem).

A. Giraldes Tavares de Gamba (idem).

José Pimentel Homem de Noronha (idem).

Luiz José Dias (idem).

José Rodrigues Soares (idem).

Alberto Carlos Cruz (idem).

Manoel Cardoso de Menezes (idem).

Francisco Xavier d'Athaide e Oliveira (idem).

Januario Constante Barbeiros (idem).

Manoel José Teixeira (idem).

José Joaquim Borges d'Azevedo Ennes (5.º de Direito e Theologia).

Luiz Ficher Berquo Pocos Falcão (3.º Direito).

Alvaro de Moura Coelho (4.º Direito).

Nuno Silvestre Teixeira (5.º Phylosophia e 1.º Medicina).

João Augusto Teixeira (4.º Medicina).

Jacinto Alberto Botelho d'Arruda (1.º de Medicina).

Antonio Maria de Sena (5.º Medicina).

Ansonio Maria de Senna (5.º de Medicina).

José Ribas de Magalhães (4.º de Direito).

Theophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra (4.º Theologia).

José Pimentel Rolim (5.º Medicina).

José Henriques Palma d'Almeida (3.º de Direito).

Pedro da Silva Martins (2.º de Direito).

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

E' falsa a noticia da doença e morte de D. Carlos de Bourbon, diz o jornal «El Imparcial».

Uma columna de voluntarios, diz o mesmo jornal, foi derrotada pelos carlistas em Puigcerdá (Catalunha).

Começou a entrar já, continúa ainda «El Imparcial», em Hespanha o material preciso para fortificar certos pontos designados pela junta superior carlista.

A «Gaceta», jornal official republicano, confessa, mau grado seu, a importancia do movimento carlista; agora já não grita que está tudo acabado, mas antes lamenta e chora do seguinte modo:

A questão carlista preoccupa de cada vez mais o governo, sobre tudo agora que se espera, d'um para outro momento, um movimento de certa importancia na provincia de Valença, e além d'isso o consideravel augmento das partidas carlistas na Mancha aonde é maior do que se pensa a insurreição.

O governo tem razão de se preoccupar porque as tropas estão desalentadas e pou-

co dispostas a entrar em combate. Por isso se vê na necessidade de todos os dias pedir á mocidade que se aliste nas bandieras dos voluntarios, quer seja com o nome de brigadas volantes, quer com o nome de voluntarios francos, quer com o nome de Filhos da Republica? Mas que ha-de fazer estas tropas commandadas por chefes sem experiencia, serão para augmentar a desordem?

Até que a «Gaceta» fallou verdade! Os legitimistas de França, diz «La Política Europea», offereceram auxilios ao duque de Madrid.

Grandes noticias, diz «La Política», circulavam á ultima hora nos circulos politicos; não sabemos se são verdadeiras, porém a julga-as pela baixa da Bolsa, que é nada menos do que de 25 centimos, ficando a 46.65. (o mais infimo preço porque se tem até aqui cotizado oficialmente) não podemos duvidar d'ellas. Ellas: «A facção Velasco derrotou no norte um dos batalhões de francos enviados alli ultimamente, dispersando-os completamente.

Savalls entrou em Arenys de Mar, povoação de 40:000 almas e pouco distante de Barcelona.

As auctoridades de Barcelona e Saragoça expedem telegrammas assustadores annunciando proximos grandes transtornos, o levantamento de grandes partidas carlistas na Mancha e o sairem de Madrid 1:500 armas das que alli se entregavam ao povo, no dia 23.

Diz, tambem, o mesmo jornal que a greve de obreiros e trabalhadores em Sevilha se realizou, composta de 6 a 8 mil homens, tomando um caracter socialista. Formularam exigencias irritantes e espalharam o terror por toda a parte a ponto de sairem para os barcos fundeados em Guadalquivir muitissimas familias a fim de se emigrarem.

Os carlistas, commandados por Savalls, entravam em Arenys de Mar, uma das mais importantes povoações da Catalunha. Correm graves noticias a respeito da sorte que tivera o batalhão franco de Novillas ao entrar em Biscaia.

Iguaes noticias correm a respeito do que occorreu em Palencia para onde saíram com todas as forças o capitão general de Valladolid.

A cerea da entrada do Savalls em Mataró diz «La Imprenta» de Barcelona:

«As auctoridades militares de Barcelona deram parte do que significava na arte militar a ultima operação de Savalls? Comprehenderam a sua importancia? Viram a transcendencia que teria se estivessemos em guerra com um inimigo mais terrivel?»

O general Vellarde está actualmente operando sem base geral de operações, o que significa na arte militar que o general Vellarde ficaria completamente derrotado se Savalls em vez de dispor de centenas de horas dispersasse d'alguns mil. O que vale ao general da Catalunha, é serem poucos os carlistas.

... O que Savalls fez ante-hontem em Mataró póde amanhã fazel-o em Tarrasa, Sabadell, Manreza, Barcellona, principalmente porque o Norte, Sudueste de Barcelona facilita um golpe de mão.

Poder-se-ha fallar melhor a respeito de Savalls e peor a respeito de Vellarde? Se a differença é de numero como o confessa este jornal liberal, cremos que Vellarde, além de incapaz, não tarda que seja substituido.

Cueca, diz o «Diario de Barcellona», estava no ponto de Cornudella, dirigindo-se para Masdo la Morera; Camats entrou em Mayal depois de nutrido fogo; Baró bordeia os arredores de Sarreal; Pino entrou em Almoater; Vallés estava em Albi; Quico cerca a costa; Vellarde, o general republicano da Catalunha, é ridicularizado pelos seus por causa da esfrega dada por Savalls.

O «Irurac-bat» de Lagunero queixa-se da pouca rapidez e efficacia com que Vellarde executa as operações; diz que monótono e que não tem fortuna n'esta guerra singular e extranha.

«La Política» chora assim o incremento da insurreição carlista:

As facções de Navarra passam de 14 mil e d'um para outro momento é maior o levantamento nas provincias do Norte.

Penha de Plata está fortificado e por Sequetio desembarcam frequentemente armas.

Lizarraga conta mais de 4:000 homens, Dorregaray mais de 8:000 homens.

Tudo sem fallar-nos nas muitissimas partidas que existem em todos os pontos.

O governo receia que Dorregaray passe o Ebro, corra pela Aragão até o Maestrazgo e represente alli o seu papel que fizera Cabrera na guerra da successão; e receia isto porque Novillas está encerrado em Victoria donde não póde sair sem que receba grandes reforços.

Augmentaram consideravelmente as partidas que existiam no Maestrazgo e Priorato e foram-lhe distribuidas muitissimas armas. Muitos moços da reserva, de ideas carlistas, recendo ser chamados pelo governo, vão engrossar as partidas de D. Carlos.

— Da Reconquista: «Na acção de S.

...is anathemati tamdiu subjaceat, quando jurisdictione, bona, res, jura, fructus, et redditus, quos occupaverit, vel qui ad eum quomodocumque, etiam ex donatione supplicatae personae pervenerint, Ecclesiae, ejusque Administratori sive Beneficiario integre restituerit, ac deinde a Romano Pontifice absolutionem obtinerit.

Vicente, sustentada pelo general Dorregaray, este chefe não só conseguiu o seu intento, que era abrir passagem a 300 infantes e 40 cavallos, que foram a Rioja, senão que aprisionou alguns voluntarios com armas e effectos de guerra. Não foi, pois, batido como mentirosamente se disse por parte do governo.

—Os carlistas de Navarra contam já com 2 novos canhões, semelhantes aos que se usam na marinha, de modo que possam servir tanto para defender um forte como para levar-os pela montanha. Foram brindados por um estrangeiro entusiasta do principio legitimista.

—As forças de Santa Cruz subiram a 1.000 homens dos mais escolhidos. Martinez de Velasco, continua em Villar sem incomodo.

—Da Esperanza á ultima hora: «Falla-se d'uma nova acção no norte entre Dorregaray e as forças republicanas, favoráveis ao primeiro.

—Diz o Eco Popular: «Corre que Dom Carlos de Bourbon se propõe a entrar novamente em Hispanha.

O sr. Elio está na Navarra com parte do estado-maior do Pretendente.

—Da Tribuna Popular: «Segundo cartas do general carlista Martinez Vinhalet, o Pretendente destinou 4 milhões para a compra d'espingardas, as quaes se acham já em Hispanha, e não são as 6.000 que no dia 11, entraram por Lequeitio

—Diz-se que a antiga junta geral de Biscaia offereceu a D. Carlos, para reconciliar-se com elle, collocar as provincias Vascongadas no mesmo estado em que se achavam no dia em que se firmou o contracto de Amorovietá.

As 6.000 espingardas recebidas em Lequeitio foram compradas por aquella junta para sellar a reconciliação.

—Nas Bolsas de Paris e Londres cotisa-se o papel de D. Carlos a 25 p. c. Em Madrid fizeram-se hontem operações a 29 Sam superfluos os commentarios.

Ha quem eleva o numero dos carlistas commandados por Elio a 12.000. (Só na Navarra, já é!)

—Do Tempo: «Affirmava-se hoje que hontem estava D. Carlos com todo o seu estado-maior na fronteira de Navarra.

—As partidas carlistas da Catalunha operavam estes dias um movimento de concentração.

—D. Thomaz Garcia, tenente do primeiro batalhão d'infanteria d'Aragão, passou-se para os carlistas com dinheiro do indicado corpo.

—Diz o Diario de Tarragona que o cabecilha Cucala com a partida se aproximou da entrada de Cornudella e surpreendeu a um troço de voluntarios, composto de cinco ou seis individuos, a quem desarmou, marchando em seguida.

—A Verdad diz n'um A' ultima hora: «Segundo cartas que recebemos da Galliza, o levantamento nacional prospera n'aquella comarca. O general Sabariego conta já uma columna composta de forças respeitaveis d'infanteria e cavallaria.»

—Do Tempo: «Parece que no dia 13 se repartiram nas Amescoas as 5.000 espingardas Berdan, que ha poucos dias introduziram os carlistas por Lequeitio (são mais 5.000 homens, além dos armados com as espingardas tomadas ás columnas Navarro e Castañon, e com as 900 tomadas em uma fabrica, e as tomadas nos combates junto da fronteira, que são pelo menos 3.000, é o total 8.000. Já é uma boa divisão, e não admira que só o general Elio á sua parte tenha 12.000, homens como dizem da fronteira franceza.)

—A entrada de Saballs em Mataró, teve lugar ás 8 horas da noite de 14. Este guerrilheiro (!!!) só levava 400 infantes e 500 cavallos, e depois de sustentar um forte tiroteio com os voluntarios da republica, entrou na cidade e levou os fundos publicos que havia na administração de rendas, e alguns voluntarios prisioneiros. D'estes morreram 2 na peleja e foram 3 feridos.

—Do Imparcial: «Dos povos immediatos a Irun uniram-se á facção uns 400 moços, a quem os alcaides (pertenciam a listar nos batalhões de voluntarios republicanos.

—A' ultima hora.—Insiste-se em falar na derrota de Vellarde (capitão general da Catalunha).

—Diz-se que Saballs recolheu um milhão de reales (44 contos) na cidade de Mataró.

SECÇÃO NOTICIOSA

Senhor da Saude.—Nos dias 25, 26 e 27 de Julho terá lugar a festividade do Senhor da Saude, que se venera no campo das Carvalheiras, a qual costuma ser uma das mais brilhantes e pomposas que se fazem n'esta provincia. São tres dias de grandes festejos, havendo em todos bellissima illuminação, fogo d'artificio e basar de prendas.

E' de esperar que os devotos concorram com as suas esmolas e donativos, para que esta festividade atinja a sumptuosidade do costume.

Senhora dos Desamparados.—Esteve pomposissima a festividade, que em

honra da Virgem Nossa Senhora dos Desamparados se celebrou no domingo na capella da Ordem Terceira.

Orou o exc.^{mo} conego Alves Mathens. Romaria.—E' na quinta feira proxima a romaria da Ascensão, no pittoresco local do Bom Jesus do Monte.

Se o tempo assim continuá chovoso, não desafiará por certo a concorrência dosromeiros.

Contribuição municipal.—Está a terminar a cobrança da derrama municipal no anno de 1872-1873. Paga-se em casa do thesoureiro, na rua da Boa-vista n.º 7.

Fallecimento.—Falleceu o sr. capitão Pinto, do regimento d'infanteria 8

O seu cadaver deu-se domingo á sepultura no cemiterio publico, tendo recebido as honras militares proprias da sua patente.

A consagração da França ao Sagrado Coração de Jesus.—Não ha muito que á Assembleia Nacional foi mandada uma Petição para que se dedicasse a França ao Sagrado Coração de Jesus.

Pio IX dirigiu aos peticionarios um Breve, aonde louva, abençoa este pensamento e convida o povo francez a que inste com a Assembleia de Versalhes a que se proceda a tal acto: Ut a populi voto Nationalis Coetus excitetur ad hujus mundi consecrationem totius Galliae nomine petendam et promovendam.

Ainda o Anniversario Natalicio de Pio IX em Braga.—Em nosso numero passado não podemos, por falta de tempo, fallar nos festejos da noite. Houve linda illuminação; vistoso fogo do ar e grande concorrência de povo. A faxada do templo de Sancta Cruz, aonde se celebrára o solemne Te-Deum, estava singela, mas graciosamente illuminada. Tocou no pateo a muzica dos artistas. A orchestra a que nos referimos no numero passado, não foi a que executou de tarde o Te-Deum dentro no templo, mas sim a dos Artistas.

Houve sempre a maior ordem e satisfação. A maior parte dos habitantes de quasi todas as ruas illuminaram as casas; sómente o não fizera a escuria do partido liberal que tem o cynismo imperdoavel de confundir a religião com a politica para ridicularisarem aquella!...

São semelhantes aquelles de que o Salvador disséra: Raça de viboras, raça maldita, raça do diabo!...

Querem mostrar serviços ao liberalismo; e são tão estupidos que não sabem que este systema está condemnado.

Confundem de proposito Constitucionalismo com Liberalismo para na guerra politica, envolverem a questão religiosa. E depois gritam: guerra aos reaccionarios; e nós gritamos guerra aos impios.

Se o ser catholico é ser reaccionario, francamente declaramos que somos reaccionarios e não tememos as iras da politica anti-catholica, porque o catholicismo é d'origem divina e ninguém vence a Deus.

O «Diario da Tarde» publicou n'essa occasião, uma correspondencia de Braga aonde se pedia ao general de divisão o exc.^{mo} sr. Vasconcellos que mandasse um destacamento de cavallaria, para evitar os tumultos que se receiavam em Braga por occasião das manifestações religiosas em favor do Pontifice.

Risum teneatis! Por força o tal correspondente quer fazer questão de politica ministerial ou mostra que é maçõ.

Pois que é maçõ, e homem sem dignidade, sem honra, sem vergonha, já todos o sabem!...

Nada conseguiu o tal correspondente apesar de todo o calculo geometrico, e sciencia mathematica!...

Não assustou as auctoridades, a não ser os empregados de policia e...; não conseguiu tolher as manifestações de entusiasmo nem fez engulir aos incantos as calumnias que inventa.

Meu amigo ainda que lhe custe engula-a. Bem sabemos que as festas liberaes são desprezadas pelo povo e por toda a gente de bem, mas tenha paciência; nós não temos culpa; o povo é que voluntariamente festeja com delirio os acontecimentos da religião e despreza com escarneo os acontecimentos dos liberaes.

As troças em Coimbra.—Um facto se deu ha dias n'aquella cidade a todos os respeitoos digno de lamentar-se. Os estudantes da Universidade parece que querem restaurar os tempos do Paganismo com suas barbaridades. A' policia cabe em grande responsabilidade por não vigiar, prevenir e com seus desleixos consentir se commettam taes desordens.

O facto é o seguinte: Um grupo de estudantes cortou o cabelle á força a um outro mais novo d'aquelles a que chamam calouros. Este, mal se viu livre d'elles apanhou um penedo e atirou com elle ao grupo, e um dos estudantes levou com elle no peito, caindo sem sentidos. Sobreveio-lhe molestia do peito e poucas horas depois era cadaver.

O infeliz chamava-se Antonio de Barros Coelho de Campos e era filho d'um cavalheiro de Vizeu e sobrinho do sr. deputado Luiz de Campos.

E' fraco brinquedo o tal das caçoadas! Bem podiam reparar nas consequências que resultam de semelhantes troças os que não são destituídos de intelligencia e estudo!

Em logar competente damos publicidade ao Protesto que a mocidade intelligente e educada mandou aos poderes publicos.

Ao jornal a «Patria».—Ficamos surprehendidos quando o penultimo numero nos deparára um artigo intitulado—A Revolução—transcripto do jornal a Voz da Verdade, quando o artigo era nosso.

Dizemos que nos surprehendeu pois a Voz da Verdade dignando-se transcrever em quasi todos seus numeros algum de nossos artigos põe sempre o nome do jornal d'onde os copia.

No artigo a que nos referimos—A Revolução—não faltou esta declaração e senão veja-se o n.º 25 e lá se encontrará no fim do artigo: (Do Futuro).

Qual a razão porque o collega que tambem nos tem feito o immerecido favor de em quasi todos seus numeros transcrever alguma coisa do nosso jornal o fez d'esta vez mas dando-lhe diverso auctor? Orgulhamo-nos e muito que jornaes religiosos transcrevam as nossas mal alinhavadas mas firmes e sãs ideias e por isso vingamos para nós o que nos pertence.

Pedimos pois á «Patria» que nos faça justiça a este respeito e que se digne reparar a falta que involuntariamente commetteu.

A Educação Materna.—Recebemos um exemplar d'esta excellente obra, feita pelo abade Pichenot.

E' um tratado pratico no qual se ensina a educação dos filhos pelo lado moral. Recomendamol-o aos chefes da familia. No logar dos annuncios vae o preço e local da venda.

Emblemas das côres.—O nosso collega o «Commercio do Minho» publicou um artigo onde se diz qual a significação emblematica das flores, artigo que nós gostosos transcrevemos por ser materia recreativa:

«Os antigos levaram ao mais alto grau de perfeição a arte de fazer fallar as côres, como vamos demonstrar não só do extracto que tiramos d'um livro gothico sem data, publicado em Lyon com o titulo de Linguagem das côres em armas, librés, e divizas, mas tambem de varios auctores.

Eis o que a tal respeito extractamos, para que as nossas bellas possam no uso das côres de seus vestidos manifestar mudamente o sentimento de que n'esse dia, ou n'esse instante, está possuida a sua imaginação.

Tres são as côres principaes: vermelha, amarella e azul. A branca symbolisa a luz, e a negra as trevas. As côres secundarias são formadas da união de duas côres primitivas, ou principaes; taes são: a purpura, a côr de laranja, a verde, a violeta, a parda cinzenta, a parda escura, etc. A verde compõe-se do branco e do azul, a violeta do vermelho e azul, etc. Estas côres produzem grande numero de tintas ou matizes. Escolhemos as principaes para mencionarmos o seu emblema.

Branco.—Emblema: boa fé, candura, pureza, innocencia.

O branco é sempre o adorno mais procurado pelas donzellas.

Vermelho.—Emblema: pudor, paixão, amor.

A sacerdotisa que presidia aos casamentos cobria o rosto com um véo de côr vermelha.

Amarelo.—Emblema: glorio (entre os antigos); infidelidade [entre os modernos]. Os pintores fizeram d'esta côr, que é a do sol, o emblema do esplendor e da gloria.

Azul.—Emblema: pureza de sentimentos, grandeza d'alma, sciencia e piedade. O azul é a côr de firmamento.

Negro ou preto.—Emblema: tristeza, luto, morte.

O negro, imagem das trevas, é tomado entre nós por emblema da dôr e do luto.

Purpura.—Emblema: poder supremo. E' a côr das mantas dos soberanos; e Jupiter se apresenta vestido com roupagem d'esta côr, alegoria do seu supremo poder.

Rosa.—Emblema: juventude, amor, ternura.

Esta côr é a mais meiga e mais sympathica. Como ella se adorna Hébe, deusa da mocidade.

Sempre a côr verde foi tida como symbolo da esperanza, sem duvida porque a verdura antecede os dias da Primavera, e as folhas precedem os fructos.

Côres simples.

Alvadio.—Simplicidade.

Amarelo.—Gloria (entre os antigos), infidelidade (entre os modernos).

Amarelo-claro.—Desesperação, captivo.

Azul-claro.—Sciencia, pureza de sentimentos, grandeza d'alma, piedade.

Azul-ferrete.—Fidelidade.

Azul-esmalte.—Ciume.

Azul-celeste.—Saudade.

Azul-escura.—Receio.

Branco.—Innocencia, castidade, pureza, candura, paz, boa fé.

Carzim.—Piedade, grandeza, alegria.

Côr de palha.—Infidelidade.

Côr de canario.—Gloria.

Côr de canella.—Desconfiança.

Côr de laranja.—Paixão, amidade, esquecimento, amor offendido.

Côr de ouro.—Riqueza.

Côr de sangue.—Ardôr.

Côr de rosa.—Amor, ternura, mocidade.

Côr de azeitona.—Affabilidade.

Côr de purpura.—Poder supremo, paciencia.

Côr de canna.—Sinceridade.

Côr de flor d'alecrim.—Saudade.

Côr de pinhão.—Indiferença, dissimulação.

Côr de pombo.—Modestia.

Encarnado.—Desejo, alegria, guerra, crueldade, pejo, amor.

Escarlate.—Saude.

Pardo.—Melancolia, trabalhos.

Preto.—Tristeza, dôr, morte.

Roxo.—Paixão d'amor, firmeza, saudade.

Verde.—Esperanza.

Vermelho.—Alegria, amor, pudor, ardor, guerra, vingança.

Verde-monte.—Simplicidade.

Violeta.—Amidade.

Cabrera e D. Carlos VII.—Do nosso illustre correlegionario a Nação, transcrevemos o seguinte:

«Parece que alguns jornaes estrangeiros, nomeadamente o Daily Telegraph, de Londres, e o Soir de Paris, trouxeram uma carta do illustre Conde de Morella, desfaveado, de um golpe, todas as calumnias que a intriga liberal se tem compraziado a levantar a seu respeito.

Não sabemos até que ponto seja autentica a referida carta; mas, em todo o caso, nós não careciamos de que o heroico Cabrera affirmasse sua lealdade com a penna, quando tantas vezes a tem affirmado com a espada.

Damos comtudo a carta, como se publicou n'aquelles jornaes

Eil-a: «Paris, 20 de março, 1873.

«Meu caro N.—Tu és talvez a unica pessoa que conheces os meus sentimentos a respeito do nosso partido. Tenho deixado passar sem fazer observação alguma toda especie de calumnia, considerando que todo o mundo tinha direito de formar sua propria opinião a respeito da minha posição especial. Eu julgava, que posto não haver chegado ainda o momento opportuno, o dia da redempção da minha patria havia de chegar. Esse dia despontou, e estou prompto—não obstante, as minhas enfermidades e má saude, occasionadas por feridas recebidas no campo de batalha, em defesa da mais nobre e justa causa—a dar todo o auxilio moral e material ao nosso Rei Dom Carlos VII. Podes communicar isto aos nossos amigos, que nunca viram desanimar o teu velho camarada.—Ramon Cabrera.»

CHARADAS

1.ª

Ha mais de quatro mil annos / Que tu radiante, / Confundes loucos, insanos.

Do Golgotha aos pés, no Calvario além / Estes jogavam os judeus, cançados. / A' voz ja trombeta de Jerusalem / Já stavam cruzados.

2.ª

Dizem que sou elemento; / Sem mim não pôde haver vida, / Dil-o a historia, foi gigante / N'uma lucta fratricida.

Em mim Portugal outr'ora / Um ingrato filho encontrou; / N'esse dia venturoso / A liberdade recobrou.

3.ª

Esta agora é pequenininha. / Anda, mata, charadista / Mesmo sem ser papagaio, / Se quizeres dá-lhe linha, / E volve ao campo tua vista.

Não podem grossas metralhas / Quebrar meu impeto, não! / Destruo rijas muralhas / Quando me impelle o tufão!

4.ª

Do philosopho, na casa d'esta mulher, / ouvi a sua hármonia.—1—1—3.

5.ª

E' apellido para todos tão suave!... —2—2.

6.ª

Aquella não, que é do enfermo o Dia-rio da Tarde.—2—2.

7.ª

Acompanhado caminha pela Carvalheira o sr. Urbano Loureiro.—1—1—2.

8.ª

9.ª

10.ª

11.ª

Isolado no tacho o sr. Guilherme Braga.—1—2.

ANNUNCIOS

N. B.—A datar de hoje bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma côr escura, e um gosto muito melhorado.

Os esqueletos de 28 companheiros do grande explorador das regiões polares, sir John, Franklin, encontrados mortos de fome apesar de possuirem muitos saccos de chocolate puro e cacau, são outros tantos testemunhos terriveis e evidentes que affirmam que o chocolate puro não contém nenhum principio nutritivo, sem a addição da Revalsciére. E' para evitar estes grandes defeitos e proporcionar a todo o mundo o uso do chocolate com as melhores condições salubriteras, que offerecemos ao publico a Revalsciére chocolata (premiada por sua magestade a rainha de Inglaterra) DO BARRY de Londres, producto maravilhoso em p.

O kilogramma (a 1\$400 réis) d'este chocolate alimenta melhor do que 10 kilogrammas de chocolate ordinario, de tal modo que lhe é preferivel a todos os respectos. De todos os remedios empregados até hoje para os adultos e creanças fracas do estomago ou enfermos, nenhum ha mais efficaç do que este especifico com tanto mais motivo que não produz nenhuma azia no estomago, e tomando-o pela manhã e de tarde restabelece as funções naturaes do corpo e do estomago, por mais que tenha muita difficuldade em digerir, e á pessoa mais decaida de força, presta-lhe um novo vigor até então desconhecido. Um sem numero de pessoas muito respeitaveis, depois de terem empregado inutilmente outros remedios e terem perdido toda a esperanza de recuperra a saude, devem a sua cura exclusivamente ao uso do nosso remedio e tem mandado certificados de agradecimento aos proprietarios em Londres.

Depositos:—Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Sôto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Maga. Irmãos Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm.—Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Alfonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizen, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. Serzedello & C.º Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.º, rua Duque de Caxias. (B)

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão João Marcos de Araujo Ribeiro, se tem de proceder no dia 1 de Junho, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicario no largo do Paço, onde se costumam fazer todas as arrematações, á arrematação do campo do rio ou ribeiro, sito no logar da Ribeira freguezia de Adaufe, avaliado em 336\$000 réis. O campo do Prado no dito logar e freguezia, avaliado em 352\$000 réis. O campo chamado da Cortinha de cima no dito logar e freguezia, avaliado em 980\$000 réis.

Tudo penhorado a Domingos de Barros Pimenta, e mulher, mãe e sogra, da mesma freguezia de Adaufe, na execução que lhes movem o juiz e mezarios da irmandade do Martyr S. Vicente, d'esta cidade. O solicitador,

(105) Manoel Joaquim Antunes.

EDUCAÇÃO

Tratado pratico da educação materna.

Este excellente livro acaba de ser editado pela livraria catholica, de Lisboa; e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Preço: em brochura 320 réis, cartornado 400 réis. (104)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872